

A casa em chamas e o salto do leão: Freud e a dicotomia continuidade-descontinuidade

The burning house and the lion's leap: Freud and the continuity-discontinuity dichotomy

Pedro Fernandez de Souza

pedrofsouza@gmail.com

(Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil)

Resumo: Este artigo tenta compreender o papel de certas analogias, símiles e metáforas dentro da teoria freudiana, em especial no seu ensaio de 1937, *Die endliche und die unendliche Analyse*. Nele, há figuras que não participam de verdadeiros “raciocínios por analogia”, mas fazem cortes descontínuos no texto. A ideia é, então, estudá-las segundo a dicotomia continuidade-descontinuidade, segundo a categoria do que acaba (*endlich*) e do que não acaba (*unendlich*). Vemos a imagem, contrapondo-se ao conceito, entrar no texto precisamente na demarcação de limites: entre o analítico e o inanalísável, entre o psíquico e o biológico, entre a análise e a vida.

Abstract: This article aims to comprehend the role of certain analogies, similes and metaphors within Freudian theory, especially in his 1937 essay, *Die endliche und die unendliche Analyse*. There, figures emerge that do not participate in real “reasonings by analogy”, but make discontinuous cuts in the text. The idea is to study them according to the continuity-discontinuity dichotomy, according to the category of what ends (*endlich*) and what ends not (*unendlich*). Images, in opposition to concepts, enter the text precisely in the demarcation of boundaries: between the analytical and the unanalysable, between the psychic and the biological, between analysis and life.

Palavras-chave: Psicanálise; Continuidade; Descontinuidade; Figura; Limite.

Keywords: Psychoanalysis; Continuity; Discontinuity; Figure; Limit.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v27i1p87-102>

*Was einmal zu Leben gekommen ist, weiß sich zäh zu behaupten.
Manchmal könnte man zweifeln, ob die Drachen
der Urzeit wirklich ausgestorben sind*
(Freud, 1937, p. 73)

I

O ensaio *A análise finita e a infinita* (ou *Análise terminável e interminável*, numa outra tradução) é marcado desde o seu título pela dicotomia continuidade-descontinuidade. Ensaio da maturidade, redigido por um Freud septuagenário que busca reavaliar os limites do método clínico por ele criado, ele contém várias reflexões conceituais incontornáveis. Uma análise detalhada dessas reflexões revela o retorno de Freud a questões longínquas de sua teorização, revela inflexões

cautelosas mas substanciais no que concerne à limitação intrínseca à sua técnica, revela o caráter a um só tempo contínuo e descontínuo de sua pesquisa incessante (cf. Caropreso & Monzani, 2012). Mas a análise dos conceitos, ali onde ela brilha por trazer à luz as pedras mais brutas e imprescindíveis do pensamento (em seu contorno delineado, em sua relação sopesada, em sua densidade medida), também voluntariamente esquece ou relega a segundo plano os diamantes mais fugidios, mas tanto mais luzidios da razão. De fato, na continuidade conceitual constituinte de seu tecido, este texto é constantemente atravessado por momentos não-conceituais¹, que instauram sulcos descontínuos em sua tessitura linear. São as comparações freudianas, são seus símiles, suas metáforas, suas analogias, que, se é verdade que fervilham em toda a sua obra, é neste texto de 1937 que borbotam da forma mais sobeja: somente nele, encontramos no mínimo dez figuras de linguagem (símiles, metáforas, comparações) freudianas, extremamente diversificadas e bem fincadas, como as cores barrocas na cauda do pavão ou como as belas imagens incrustadas nos relógios antigos (concomitantemente operosos e decorativos).

Que Freud opera por analogias é fato bem sabido e investigado. Keller (2003), por exemplo, perquiriu algumas analogias mobilizadas por Freud entre a psicanálise e outras ciências da natureza (em especial as semelhanças e dissimilaridades entre a *análise* em psicanálise e em química); Silveira (2014), por sua vez, analisou a fundo a analogia freudiana entre os instintos dos animais e as fantasias originárias (*Urphantasien*); também Monzani (1989) e Simanke (2009a) examinaram com profundidade (embora com perspectivas interpretativas diferentes) a analogia desenvolvida na *Traumdeutung* entre o aparelho psíquico e um aparelho ótico (microscópio ou telescópio). Mas trata-se, nesses três casos, do que a própria Silveira (2014, p. 192) denomina um “raciocínio por analogia”, isto é, um uso heurístico ou epistêmico, para fins de conhecimento, descrição, aprofundamento de argumentos, de certas analogias. Nesses passos de sua argumentação, Freud lança mão de analogias com um fito específico: proporcionar, mediante comparação, um maior conhecimento de um termo ainda desconhecido. Assim, ao analisar a formação das imagens oníricas, Freud a compara com a formação da imagem num microscópio: sendo conhecido o funcionamento do aparelho ótico, o funcionamento do próprio aparelho psíquico, ao entrar em comparação com aquele, se torna menos obscuro.

Desejo lançar luz em outro tipo de símile freudiano. É evidente: Freud faz teoria, portanto boa parte de suas palavras é destinada a apontar, descrever,

¹ Utilizamos o termo “conceito”, tão delicado e fundamental, em seu sentido freudiano, por assim dizer, tal qual delineado em 1915: sobretudo no caso de conceitos de base (*Grundbegriffe*), trata-se de ideias abstratas, muitas vezes com certo grau de indeterminação ou vagueza (*Unbestimmtheit*), concebidas e empregadas para compreender os fenômenos advindos da empiria e que podem ser alteradas, ampliadas, reduzidas ou mesmo abandonadas, caso a teoria evolua ou os fenômenos se lhes contraponham (Freud, 1915a, p. 210).

investigar e analisar fenômenos advindos da empiria. Isso é inegável e deve ser sempre levado em conta. Como afirma Tavares (2012), porém: “raramente um escrito do criador da Psicanálise pode ser lido como mero texto técnico-descritivo, o que até hoje faz com que seus leitores se aproximem de sua obra também pela via da Literatura, da ensaística ou da crítica cultural” (p. 3). Como já adiantamos, no belo ensaio de 1937 o estilo, a escrita freudiana ocupa um lugar central dentro de seu movimento argumentativo. Será interessante, e mesmo fértil para a compreensão de suas hipóteses, que nos dediquemos ao estudo das figuras comparativas de linguagem aparentemente fortuitas ou descompromissadas, pinceladas por Freud em meio aos seus raciocínios abstratos ou metapsicológicos, e que fazem furos na serenidade contínua do texto sem serem totalmente imprescindíveis para a plena exposição do pensamento. Diferentemente da famosa comparação da alma com o microscópio, sem essas figuras a argumentação passaria bem, estaria completa e bem acabada; mas Freud as insere no seu tecido argumentativo, e talvez seja precisamente nelas que a riqueza do estilo freudiano possa ser identificada e perquirida.

Tomaremos duas figuras como chaves instrumentais em nossa análise: a casa em chamas e o salto do leão. Usá-las-emos como exemplos precípuos, para as quais serão remetidas as outras figuras investigadas. Elas nos parecem quase prototípicas, em sua fulgurância e em sua eloquência, por conterem em si, e em sua contraposição, as duas metades da dicotomia maior de que trata o próprio ensaio em que estão inseridas: a questão da continuidade e da descontinuidade.

II

O título do ensaio já diz muito: *Die endliche und die unendliche Analyse*, a análise finita (ou findável) em contraposição, em conjunção com a análise infinita (ou infindável). Análise, aqui, pode significar essencialmente duas coisas: por elipse do prefixo, denota *psicanálise*, isto é, a técnica terapêutica criada e aprimorada por Freud; mas denota também o ato genérico de analisar, de solver ligações, desfazer sínteses, destecer urdiduras. Atos ou processos intimamente relacionados, é fato, mas cuja relação não é nada simples. Freud põe em questão, assim, e isso desde a intitulação do texto, a existência de limites para uma análise. Dois tipos de limite. 1) Temporal: uma análise pode ter um *fim* no *tempo*, pode receber um término, um ponto definitivo de chegada? 2) Objetivo: o *objeto* de uma análise pode impor, graças às suas características próprias, um *fim* à análise, isto é, um ponto a partir do qual ela se torne impossível e não possa mais prosseguir ou avançar²? Nota-se

2 O fim objetivo pode ser ainda dividido em duas categorias: ou o objeto em questão foi *totalmente* analisado, portanto não há nada mais a se analisar, e a análise se torna um empreendimento desnecessário; ou o objeto tem propriedades refratárias à análise, inalisáveis em si mesmas e que, embora possam ser apontadas e diagnosticadas, não podem ser tocadas pela mão dissolvente da interpretação.

que as duas limitações da análise são eminentemente discordantes entre si: caso uma análise se depare com objetos inalisáveis, isto é, caso se depare com um limite que chamamos objetivo, ser-lhe-á impossível atingir seu limite temporal, e terá de se estender infinitamente. Dois limites, portanto, que se limitam, que se contrapõem e fazem da análise uma operação em constante readequação de suas fronteiras balizas.

Mas Freud inicia seu ensaio fazendo uma questão aparentemente mais humilde: é possível encurtar uma terapia analítica, cuja duração é sabidamente longa? É então que, no questionamento a respeito dos pontos a partir dos quais não há mais análise e ela deixa de ser um processo contínuo, Freud se voltará para o ponto primeiro de descontinuidade de qualquer vida: o nascimento. Trata-se da teoria de Otto Rank do trauma do nascimento, já comentada e criticada por Freud (1926) em *Inibição, sintoma e angústia*. “Ele supôs que o ato do nascimento seria a verdadeira [*eigentliche*] fonte da neurose, ao trazer consigo a possibilidade de que a ‘fixação originária’ [„*Urfixierung*“] na mãe não fosse superada e perdurasse como ‘repressão originária’ [„*Urverdrängung*“]” (Freud, 1937, p. 59). Rank postulava, então, um “trauma originário” (*Urtrauma*), um evento singular totalmente determinante para a futura irrupção de uma neurose; evento disruptivo, instaurador de uma descontinuidade inevitável no curso da vida. Pensando-se assim, a uma análise bastaria elaborar esse trauma primário, e a neurose se esvairia. A duração da terapia seria reduzida, portanto, a alguns poucos meses.

Freud não se alonga na crítica a Rank, aliás já feita onze anos antes (Freud, 1926, p. 182 ss.), mas se centra na questão da continuidade. Ora, o nascimento pode mesmo ser traumático e constituir um modelo para as situações posteriores de angústia. Mas crer que a solução desse trauma possa ser suficiente para uma psicanálise é, para Freud, uma posição insustentável:

não se ouviu muito sobre o que conseguiu a execução do plano de Rank para casos patológicos. Provavelmente não mais do que [*als*] conseguiria o corpo de bombeiros se, no caso de uma casa em chamas³ causadas pela queda de uma lâmpada de petróleo, se contentasse com retirar a lâmpada do quarto em que nasceu o incêndio (Freud, 1937, p. 60).

Muitas vezes um símile serve para acentuar, para enfatizar uma característica comum aos dois termos por ele postos em comparação (Israel, Hardin & Tobim, 2004, p. 132). No nosso caso, o *tertium comparationis* é muito precisamente a *inutilidade* da ação executada: tanto o incêndio quanto a neurose continuariam a viver após a remoção de sua origem material (a lâmpada, o trauma) - e o símile freudiano agrega aqui uma picada de humor que uma escrita puramente conceitual dificilmente possuiria. Ademais, o que Freud assevera é que, apesar dessa remoção, apesar da

3 No original, “Hausbrand”, literalmente “incêndio da casa”.

extração daquilo que originou uma ruptura, uma descontinuidade no fenômeno em questão, o processo seguiria em sua continuidade, inabalado, intocado. Tanto a casa quanto a neurose continuariam a arder. Obstinação do processo, portanto, obstinação em manter contínua sua existência, em não ceder às descontinuidades intervenientes.

Freud passa então a uma segunda possível solução para o problema da indesejada longura de uma análise, solução ensaiada e publicada por ele mesmo em 1918. É o caso do Homem dos Lobos, cuja terapia chegara a um impasse, a uma estagnação que parecia irresolvível a Freud, isto é, a análise estancara, deixara de ser análise para ser a sobrevivência quase parasitária da relação terapêutica. A saída: “nessa situação, recorri ao heroico meio da fixação de um prazo [*Terminsetzung*]” (Freud, 1937, p. 61), isto é, estabeleceu-se um prazo para o tratamento, prazo fixo e sem possibilidade de alteração. O resultado: primeiramente, descrença da parte do paciente, mas, em seguida, cooperação e aceleração dos processos analíticos - memórias vieram a lume, repressões foram desfeitas, sintomas foram eliminados. Aparentemente, o paciente estava curado.

Mas apenas aparentemente. Anos depois, reiniciou a análise com seu primeiro analista, que durou então alguns meses; quinze anos depois dessa segunda análise, no entanto, o paciente voltou a manifestar sintomas, e Freud acreditou ser melhor que ele empreendesse uma terceira análise com uma outra terapeuta. O prazo final, a data terminal da análise imposta por decreto pelo analista não pôs fim à análise mesma: muito ainda restara para ser analisado, para ser solvido, para ser elaborado. “Pensei que a história da cura desse paciente não era menos interessante do que sua história de adoecimento” (idem, p. 62). A terapia, como a doença, é um processo persistente: insiste em não acabar, insiste em não ser *totalmente* rompida. As descontinuidades a marcam: a primeira parte da análise é findada, inicia-se a segunda; quinze anos depois, uma terceira parte é posta em marcha. As descontinuidades a marcam, mas a marcam em sua continuidade mesma.

A fixação do prazo, Freud então confessa tê-la usado em outros casos. Ela é eficaz: acelera a cura e produz progressos ao incutir o paciente a sair de uma posição transferencial cômoda. Mas sua eficácia é parcial. “Ela não pode dar nenhuma garantia da realização completa [*vollständig*] da tarefa. Ao contrário, pode-se estar seguro de que, enquanto uma parte do material se torna acessível sob a compulsão da ameaça, uma outra parte permanece retida e com isso é como que soterrada, tornando-se perdida para o esforço terapêutico” (idem, *ibidem*). Ademais, trata-se de uma atitude sem possibilidade de retorno: uma vez estabelecido o prazo, é preciso ater-se a ele, caso contrário a palavra do analista perde seu crédito, fator imprescindível no sucesso de uma análise. Instituir o término, o prazo de uma análise se torna, assim, questão de tato, pois um deslize, uma incúria é irreparável: procedimento

radical, sem retorno, não é medida que se use duas, três vezes. Usa-se uma, e ponto final. E Freud arremata: “o provérbio de que o leão só salta uma vez deve ser bem memorizado” (idem, *ibidem*).

Arremate inesperado, sem sinais de que viria. Freud compara o ato radical de impor um término à análise com o salto do leão, que é singular, que não se faz senão uma vez. Trata-se de um ato sem retorno, um ato que instaura uma descontinuidade inevitável no curso de um processo antes contínuo. A análise caminhava até então, ela marchava em suas oscilações, entre a estagnação, a regressão e a progressão, mas eis que o leão salta, e tudo está acabado. A análise, tendo chegado ou não ao seu fim objetivo, chega a um fim temporal forçado, inescapável. O leão, ao saltar, abocanha algumas vítimas e espanta outras: é isso o que faz o analista ao instar o paciente a progredir.

Ora, é precisamente dessa impossibilidade de uma *análise total* que versa o ensaio todo. Num procedimento terapêutico tal qual confeccionado por Freud, jamais os conflitos são *plenamente* solvidos, jamais os nós patogênicos se desfazem *totalmente*, mas sempre sobram *restos*, *resíduos* que não puderam ser trabalhados durante a terapia⁴. No caso do Homem dos Lobos, a terceira parte da análise, conduzida por Ruth Brunswick, se centrou, segundo Freud, tanto em “restos transferenciais” quanto em “fragmentos de sua história infantil” que a análise prévia não havia captado. Continuamentos, portanto, tanto da doença quanto da terapia. Esses fragmentos, esses restos refratários à primeira análise vinham à luz, eram expelidos de forma retroativa (*nachträglich*) na nova terapia - “não se pode evitar a comparação - como [*wie*] fios após uma operação ou como pedacinhos ósseos necróticos” (Freud, 1937, p. 62). Ou seja, o leão saltou, mas algumas vítimas escaparam. Essas vítimas só serão acessíveis ao próximo leão, que só pode vir à caça, porém, porque já saltara o leão primeiro. Mas, mais que isso: o que a comparação de Freud supõe é que o processo analítico, intrometendo-se na progressão contínua de uma vida humana, torna-se ele mesmo um processo contínuo que resiste à sua finalização. Ele mesmo deixa restos, deixa rastros para o próximo analista: o procedimento cirúrgico, ainda

4 Como ele diz mais para frente, “há quase sempre fenômenos residuais [*Resterscheinungen*], um remanescer parcial” (Freud, 1937, p. 73). Nisso reside a maleabilidade dos limites entre o contínuo e o descontínuo em Freud: “se nossa primeira descrição do desenvolvimento da libido afirmou que uma fase oral original dá lugar a uma sádico-anal, e esta à fálico-genital, a pesquisa ulterior não a contradisse, mas sim adicionou, como correção, que essa substituições não ocorrem subitamente, mas sim gradualmente, de modo que pedaços da organização prévia sempre permanecem junto às novas, e que mesmo no desenvolvimento normal a transformação jamais sucede completamente [*vollständig*], de forma que ainda na formação derradeira restos de fixações prévias da libido podem permanecer conservados” (idem, *ibidem*). Ou seja, onde o conceito só pode apontar descontinuidades (primeiro, fase oral; depois, fase anal, e assim por diante), a observação mostra que elas fazem parte de um processo contínuo (e o mesmo pode ser dito do contrário: onde a observação nota continuidades, sem alterações descontínuas elas não são inteligíveis). Como ficará mais claro adiante, toda essa dinâmica da polaridade contínuo-descontínuo nos parece fundamental para que se compreenda a teorização freudiana de um modo geral.

que cuidadoso, pode deixar atrás de si alguns dos fios utilizados para fazer sanar um sangramento, por exemplo. Uma próxima operação é requerida para retirar esses fios - mas essa segunda cirurgia também se utiliza de instrumentos que sem dúvida se intrometerão no corpo operado (e que nele deixarão resíduos ou sequelas). Como se pode notar, a combinação das imagens evocadas por Freud é a de um incêndio perene, ou perenemente renovado, cujas lâmpadas deflagrantes são retiradas pelos bombeiros, que involuntariamente depositam ali mais combustível, embora menos comburente, para as próximas chamas.

Mas não apenas o paciente tem sua vida alterada pela intromissão do processo analítico: também o próprio analista é afetado pela técnica terapêutica por ele manejada. Trata-se, no fim das contas, do manejo de forças vitais as mais perigosas, que podem ferir ou lesionar também aquele que não cuida senão de identificá-las e elaborá-las. “Para aquele que se esforça por compreender isto, às vezes se impõe a desagradável analogia com o efeito dos raios-X, quando alguém os maneja sem precauções especiais” (idem, p. 95). Aqui, é o bombeiro quem acaba levando um pouco de fogo ou de combustível para a própria casa. Será preciso, então, um outro bombeiro para apagar as chamas resultantes: “todo analista deveria periodicamente, mais ou menos após o decorrer de cinco anos, fazer-se novamente objeto de análise, sem se envergonhar de dar desse passo” (idem, p. 96). A conclusão lógica não pode ser outra: também o novo analista deverá passar periodicamente pelos raios-X alheios, e assim o incêndio da doença e da cura se propagaria indefinidamente.

Não é difícil notar: a casa em chamas, o salto do leão, os restos cirúrgicos, os raios-X - eis imagens jacentes fora da trama conceitual, mas que vêm agregar tensões impossíveis ao conceito. São imagens eloquentes e chamativas, que cortam a continuidade conceitual do argumento. Sem elas, a letra freudiana não surtiria o mesmo efeito, não teria a mesma força e graça - nem a mesma beleza.

III

Diferentemente da figura do incêndio doméstico ou dos restos cirúrgicos, o salto do leão, singular e derradeiro, é posto em cena sem a partícula comparativa (o *als* ou o *wie* alemães, o *como* português). Ele vem de supetão, feito um salto, para rematar a argumentação e dar cabo à primeira das oitos seções do ensaio. Parece-se mais, portanto, com uma metáfora do que com um símile. Mas Freud não opera aqui uma metáfora propriamente falando, pois falta também (ou está elidido) o verbo de cópula aí requerido. Ele não diz “impor um prazo final para uma análise é [como] o salto do leão: singular e derradeiro”, ele simplesmente evoca o provérbio, traz à tona a figura do leão e não diz mais nada - fim de seção, fim de raciocínio. Como o término forçado de uma análise, aqui a figura de linguagem é o término

abrupto do argumento. Não há partícula comparativa, não há verbo unindo as duas partes da figura de linguagem. De fato, é nesse movimento pendular entre o símile e a metáfora que a escritura de Freud irá lançar seus clarões não-conceituais. Esse movimento é explícito na última figura de linguagem do texto: a rocha da castração.

O último limite à análise investigado por Freud no ensaio de 1937 é o complexo de castração. Nunca se tem maior impressão de vacuidade (de “pregar para peixes”, *Fischpredigten*), diz ele, do que quando se tenta “mover as mulheres a abdicar de seu desejo pelo pênis, por ele ser inexecutável, e quando se tenta convencer os homens de que uma posição passiva perante um homem nem sempre tem o significado de uma castração e de que é indispensável em muitas relações da vida” (idem, p. 98). Peixes, como se sabe, não são acessíveis à palavra humana. E é essa inacessibilidade que Freud quer ressaltar quando usa a expressão “Fischpredigten”: de fato, continua ele, aqui a resistência é intransponível e não permite que nada mude. Ponto derradeiro da análise, em que o objeto é inanalizável, o complexo de castração é o termo central de uma das comparações mais famosas de Freud:

Tem-se amiúde a impressão de, com o desejo do pênis e o protesto masculino, ter-se penetrado em todas as camadas psicológicas e chegado à “rocha de base” e, portanto, ao fim [*am Ende*] da sua atividade. Isso deve ser assim mesmo, pois para o psíquico o biológico efetivamente [*wirklich*] desempenha o papel da rocha de base subjacente (idem, p. 99).

Analisemos o movimento retórico ou estilístico, digamos, desse trecho. Num primeiro momento, metáfora: com as manifestações do complexo de castração, tem-se a impressão de que todas as camadas psíquicas já foram atravessadas, e que se depara agora com algo não-psíquico, algo duro, sólido, fundamental e - intransponível. É a “rocha de base” com aspas, ou seja, há aqui uma atenuação da metáfora. Estamos na metáfora, mas numa metáfora com aspas.

Em seguida, há um deslizamento, um deslocamento rumo à comparação ou à analogia: o *papel* (palavra fundamental) que o biológico desempenha, perante o psíquico, é *efetivamente* (advérbio forte) o de uma rocha de base subjacente (agora sem aspas). Desfaz-se, então, aquela atenuação que diagnosticamos, mas isso apenas com a transformação da metáfora em comparação. As aspas caem, mas cai também a metáfora. Freud está o tempo todo jogando desse modo com as palavras: jogando com os conceitos e imagens e com a relação pouco unívoca entre eles.

A partícula comparativa instaura uma descontinuidade entre os termos comparados; no nosso caso, entre conceito e não-conceito. O conceito de castração é uma coisa; uma rocha de base, subjacente a outros fenômenos geológicos, é outra. Com a elipse ou remoção dessa partícula, instaura-se uma continuidade entre eles. A castração é rochedo: imagem e conceito se imiscuem pela metáfora, pela cópula imediata. Ao passar da castração (particular) para o biológico (universal), no entanto,

Freud opera uma desmetaforização, por assim dizer: o biológico desempenha o *papel* da rocha. Freud torna analógico o que era metafórico, e eis-nos conduzidos de volta ao reino dos conceitos. É no mínimo curioso, portanto, que a própria relação descrita por Freud entre o psíquico e o biológico - relação delicada, tensa, de descontinuidade e continuidade - se encontre como que *encarnada* no movimento argumentativo de seu texto. As figuras de linguagem freudianas operam entre continuidades e descontinuidades, numa oscilação entre elas, assim como o psíquico e o biológico em sua composição temporal (continuidade) e estrutural (descontinuidade).

Expliquemo-nos. Voltemo-nos agora a um dos chamados artigos técnicos de Freud, *Sobre a dinâmica da transferência*, de 1912. Em sua abertura, Freud põe uma longa nota de rodapé a respeito da dualidade herança-vivência, dualidade central em sua teorização desde suas primícias até seus exícios. Freud diz: não há uma contraposição total entre os dois lados da equação, elas antes cooperam para o surgimento e a conformação dos fenômenos estudados. “Δαίμων και Τύχη determinam o destino de um homem; raramente, talvez nunca, apenas um desses poderes” (Freud, 1912, pp. 364-5, nota de rodapé). Τύχη é o azar, o acaso; δαίμων, por sua vez, *pode também ser o acaso*, mas Freud aqui se refere a ele provavelmente como a vontade, o influxo divino, ou como a sombra de um antepassado, isto é, trata-se de uma espécie de acaso *já ocorrido*, não mais sofrido diretamente, mas apenas indiretamente, mediante suas consequências. São esses dois poderes que definem o destino de um homem: aquilo que ele herda e que é, já sabemos, uma rocha de base, subjacente, e aquilo que ele vivencia, e que só pode atingi-lo na medida em que pode alterar, senão a rocha mesma, ao menos as camadas geológicas posteriores, construídas sobre ela. A rocha, a base, representa uma descontinuidade na existência do organismo: não pode ser alterada mediante análise, é intransponível e, se se toca, não se muda. A aquisição individual, por sua vez, é sim analisável e passível de mudança - continuidade, portanto, constituinte da existência. Mas é aqui que o raciocínio de Freud operará uma torção dessas duas categorias, pois também a herança não passa, no fundo, de uma sequência interminável de vivências longínquas: “ademais, poder-se-ia atrever-se a conceber a constituição mesma como [als] a precipitação dos efeitos acidentais sofridos pela série infinitamente grande [unendlich große] dos antepassados” (idem, p. 365, nota de rodapé).

O biológico é a rocha maciça feita de sedimentações, de precipitações inumeráveis. Essa rocha, em última instância intransponível e imudável pela análise, é resultado de um processo contínuo, e a série de antepassados é “infinitamente grande” (*unendlich große*). Assim é que, em Freud, o contingente se transmuta em necessário; e o adquirido, em herança. Podem-se contrapor, então, *Reihe* (série) e *Fels* (rocha): a série é o signo da continuidade da história; a rocha maciça intransponível, o signo das descontinuidades que a atravessam. Em Freud, o contínuo

se funda no descontínuo, e o descontínuo se funda no contínuo. Como se pode notar, o que se opera aqui é uma certa relativização de uma possível rigidez estatutária dos conceitos. Tanto a herança foi já um dia aquisição contingente, quanto a aquisição se tornará um dia herança fixada. Para dar conta dessa flexibilidade, Freud enverga os conceitos contrapostos, remetendo-os um ao outro iterativamente; ele perfaz essa dobra, contudo, não no domínio conceitual mesmo, mas sim com o apoio ou o auxílio de imagens, de figuras de linguagem comparativas. Essas figuras vêm auxiliar os conceitos, ao mesmo tempo em que, em seu brilho imagético, dão a ver os limites mais íntimos deles⁵.

Deparamo-nos aqui com um limite epistemológico da psicanálise: sua borda, sua fronteira com a biologia. Contra qualquer acusação de psicologismo, Freud se precata já em 1910:

Faz-se incorretamente à psicanálise a acusação de que ela leva a teorias puramente psicológicas dos processos patológicos. Já a ênfase no papel patógeno da sexualidade, que certamente não é um fator exclusivamente psíquico, deveria protegê-la contra essa acusação. A psicanálise jamais esquece que o anímico repousa no orgânico, embora seu trabalho só possa segui-lo até essa base [*Grundlage*], e não além dele (Freud, 1910, pp 100-101).

O conceito crucial, nesse confim, só pode ser o de *Trieb*⁶, o conceito-limite por excelência do discurso freudiano: “não podemos evitar [considerar] o ‘*Trieb*’ como um conceito-limite [*Grenzbegriff*] entre a concepção psicológica e a biológica”

5 Como lemos em 1926, um possível problema ao utilizar abstrações é que as usemos muito rigidamente e, com isso, apenas escolhamos e peguemos (*herausgreifen*) “ora um lado, ora outro lado de um complicado estado de coisas” (Freud, 1926, p. 124). O conceito, sabemos, é o *Begriff*, ele agarra (*be-greifen*) o fenômeno a ser compreendido. A figura comparativa, que vimos dizendo fazer fora do conceito, parece em Freud também operar uma espécie de *solda* entre os conceitos, entre as abstrações que não podem senão dar a ver um lado dos fenômenos. A rocha, a sedimentação - sabemos que não são conceitos freudianos *stricto sensu*, porém são essas figuras que permitem gerar uma continuidade (instável, é fato) entre os conceitos de herança e aquisição. Onde os conceitos são descontínuos, as imagens vêm em seu auxílio para auferir-lhes certa continuidade, fundamental para a teoria. Assim, também cooperam, na tessitura da teoria, para captar e capturar (*greifen*) os fenômenos, embora somente ali onde os conceitos encontram seus limites descontínuos.

6 A própria intraduzibilidade do termo alemão “*Trieb*” diz muito sobre a sua situação ou posição-limite no discurso freudiano. Enquanto operador conceitual entre o corpóreo e o psíquico, ele é, em si mesmo, questão de *tradução*; ademais, o que a teoria pressupõe é que o *Trieb* opera uma passagem, uma transição entre o puramente corporal rumo ao puramente psíquico - ele é um conceito, portanto, que *aponta* aquilo que conceitos dicotômicos (como corpo e alma) não conseguem captar. Não é em vão que ele *não faça parte de uma dicotomia*, como são as duplas conceituais de corpo-alma, prazer-realidade, eu-id, herança-vivência, vida-morte etc. em Freud. O próprio *Trieb* é já um conceito “duplo”, ele mesmo marca a instabilidade de uma dualidade incontornável. Não é em vão, também, que haja tanto debate a respeito de sua melhor tradução para o português: se, por um lado, costumou-se hoje vertê-lo por “pulsão” (encontram-se defesas bem fundamentadas dessa opção tradutória em Silveira, 2014, e Tavares, 2011, por exemplo), por outro lado há uma tentativa muito coerente de retornar ao “instinto”, ressaltando-se o “naturalismo escancarado” de Freud (Simanke, 2009a, p. 111), por parte de Simanke (2009a, 2009b, 2014a, 2014b) e Paulo César de Souza, para citar dois exemplos. Sobre a natureza fronteira do discurso freudiano (sempre em contato limiar com a biologia), tomo a liberdade de remeter a um artigo meu que versa especificamente sobre isso (Souza, 2021).

(Freud, 1913, pp. 410-411). Conforme diz Green (1995), o conceito de *Trieb* em Freud é uma “referência a uma vida psíquica ancorada no corpo, mas da ordem de um já psíquico” (p. 49). Trata-se de um conceito demarcatório, delineador de um limite: para cá, psicanálise; para lá, biologia. Não pode ser em vão, por consequência, que, no momento mesmo em que o pensamento de Freud almeja ou ousa ultrapassar essa linha, ele recorra a imagens que não são estritamente conceituais. Nessa fronteira, nesse muro que demarca uma descontinuidade essencial da própria psicanálise, o conceito cede o espaço à imagem, e é esta quem, na descontinuidade não-conceitual que lhe é própria, pode dar continuidade ao pensamento⁷.

IV

A figura da rocha (da castração) nos remete a outras três figuras presentes no ensaio de 1937, ao qual retornamos agora. Ao falar de certos componentes *biológicos* do funcionamento anímico de certas pessoas, Freud discorre sobre duas características da libido descritas desde 1905: sua viscosidade e sua plasticidade. Tanto ela pode aderir-se o mais ferrenhamente possível a certas representações e objetos, quanto pode transitar entre eles sem o menor apego ou preferência. Isso tem consequências muito importantes para a análise, na medida em que esses fatores dificultam ou facilitam o rearranjo dos investimentos libidinais ou mesmo a magnitude e a maleabilidade da transferência. Há pacientes cujo processo terapêutico é mais lento, pois a “fidelidade” da sua libido é tamanha, que muito dificilmente ela pode desgarrar-se de seus antigos objetos; outros pacientes, por sua vez, se movem muito mais rapidamente, e sua libido pode pular de representação em representação:

É uma diferença como [wie] deve sentir o escultor caso trabalhe com pedra dura ou com argila mole. Infelizmente, os resultados analíticos com esse segundo tipo mostram-se amiúde como muito lábeis: os novos investimentos são rapidamente mais uma vez perdidos, e se recebe a impressão, não de ter trabalhado com argila, mas sim de ter escrito na água (Freud, 1937, p. 87).

Pedra, argila e água: sólido, estágio intermediário, líquido. Escrever na água remete aos peixes aos quais se prega em vão: nova figura da inutilidade. Como se pode notar, Freud a um só tempo enfatiza a inutilidade de certos procedimentos e encobre a expressão dessa inutilidade por meio de imagens jacentes fora do conceito. Ele não diz: “meu método é inútil com pessoas cuja libido é demasiado móbil”, ele diz: “com essas pessoas, é como se eu escrevesse na água”. Aonde, por quaisquer motivos que

⁷ Leitura semelhante poderia ser feita de diversas passagens do ensaio seminal de 1920, *Além do princípio de prazer*, sobretudo na analogia da vesícula indiferenciada (Freud, 1920, p. 25 ss.) e no recurso ao mito platônico dos indivíduos andróginos (idem, p. 61 ss.). Em ambos os casos, é justamente na fronteira com a biologia que o pensamento de Freud caminha - e caminha por meio de imagens, comparações e analogias.

sejam, o conceito não pode chegar, vêm as imagens não-conceituais em seu auxílio. As imagens agem, portanto, no limite do texto e no limite do pensamento.

Também nos limites da própria técnica analítica. Pois um dos elementos maiores de uma análise é também aquilo que mais a coloca em xeque, é aquilo que mais a compele rumo a um limite metodológico: o amor transferencial, em sua irrupção inclemente, empurra a análise até ali onde ela faz fronteira com a própria vida. Dirijamo-nos agora ao artigo de 1915 sobre o amor transferencial - também nele a questão do limite será tocada por meio de imagens. Lemos nele: a transferência positiva, por meio da qual o paciente colaborava de bom grado com o analista, submetia-se à regra fundamental e fazia progressos, agora se metamorfoseia num amor intransigente e obstativo: “a paciente, mesmo a mais dócil até aqui, repentinamente [*plötzlich*] perdeu a compreensão e o interesse pelo tratamento, não quer falar nem ouvir de nada exceto do seu amor, para o qual ela exige uma réplica [*Entgegnung*]” (Freud, 1915b, p. 309). A paciente, numa virada súbita do curso da análise, impõe que seu amor seja *correspondido*, ela deseja que o médico adentre a continuidade da sua vida amorosa; ela quer uma *réplica*, uma repetição em ato, ela convida o médico a fazer parte da infundável *série* amorosa cujo curso ela seguiu até então. Mas a técnica analítica consiste precisamente nem em ceder a esse amor nem em negá-lo: “a concessão às exigências do amor da paciente é então tão perigosa para a análise quanto a supressão delas. O caminho do analista é outro, para o qual a vida real não oferece nenhum modelo” (idem, p. 314). Note-se bem essa contraposição, esse limite entre a análise e a vida real, tão bem assinalado por Todorov (1970, p. 39) e que será fundamental adiante.

O que ocorreria, com efeito, se o analista correspondesse o amor da paciente? A análise chagaria a seu fim inelutável - e aqui a palavra *End* reaparece, em 1915, como que num eco da *endliche Analyse* de 1937: “a relação amorosa põe mesmo um fim [*End*] à possível influência pelo tratamento analítico; uma união entre os dois é um absurdo [*Unding*]” (idem, ibidem). Eis outro fim, portanto, outro limite, outra fronteira com que se demarca uma psicanálise: o amor e a vida real. A união entre relação amorosa e relação terapêutica inexistente, é uma não-coisa, um absurdo - uma limita e anula a outra, inexoravelmente. Ao passar esse umbral, ao transgredir essa fronteira e adentrar a vida real, a análise acaba. O amor não pode sobrepujar a técnica, e a análise, em vez de fundir-se à vida mesma e solver-se na morosa continuidade da vida amorosa do paciente, deve instaurar aí alguma descontinuidade. É somente com ela que alguma mudança, mesmo que incompleta, pode sobrevir na vida do paciente.

Nessa fronteira demasiado real que ameaça pujantemente a análise, como progride o texto freudiano? Recheado de figuras comparativas de linguagem. A primeira imagem evocada é nada menos do que o fogo: com a irrupção desse

óbice robusto que é o amor transferencial, “há uma troca completa de cena, como [wie] uma peça [*Spiel*] que seja substituída por uma realidade [*Wirklichkeit*] que irrompe de súbito [*plötzlich*], por exemplo como [wie] quando uma representação teatral é suspendida por um grito de ‘fogo!’” (Freud, 1915b, p. 310). Para além da comparação desgastada do amor com o fogo, o que Freud faz aqui é uma virada nessa comparação, colocando nela também o fator do teatro. Essa relação mantida até agora há pouco, muito harmônica e aprazível, era na verdade uma peça teatral, e a coisa real, a realidade que irrompe sem aviso prévio, é o *fogo*, o *incêndio* no teatro, que suspende a peça e pede por medidas extradramatúrgicas. O amor transferencial instaura uma descontinuidade no tratamento (o advérbio *plötzlich*, tantas vezes usado nessas passagens, é sinal incontestável dela), mas o que ele exige é precisamente que o tratamento tenha um fim, que se dê continuidade à sua vida amorosa, que o psicanalista ultrapasse a linha que separa a vida real e a análise.

A análise, por fim, é deveras uma luta, um combate (*ein Kampf*) (idem, p. 320), metáfora das mais empregadas por Freud para dar conta da dinâmica conflituosa constituinte do processo. Como termina esse artigo de 1915? Denominando as armas mais radicais dessa batalha, reafirmando a necessidade de, em psicanálise, lidar com as forças vitais as mais perigosas, os instintos, as paixões, as desrazões: “na atuação médica sempre sobrar um lugar, junto à *medicina*, para o *ferrum* e para o *ignis*” (idem, p. 321). *Ferrum et ignis*: ferro e fogo, instrumentos sugeridos por Hipócrates quando da ineficácia dos remédios comuns, também na análise podem ser usados quando esta se encontra em risco. Aqui, porém, o salto do leão parece unir-se ao incêndio, na medida em que a aplicação do fogo e do ferro deverá ocasionar mudanças ou rupturas na vida do paciente. Onde aparece o fogo demasiado imperioso do amor transferencial, o analista deve aplicar o fogo medicinal correspondente - não para corresponder a esse amor, nem para suprimi-lo, mas para o manejar, dominar e elaborar.

Em 1912, a metáfora da luta assoma com ainda mais detalhes. Ir-se acercando dos complexos inconscientes do paciente é processo comparado a operações bélicas, e mesmo as conquistas mais soezes, em aparência menos importantes, têm sua serventia reafirmada graças ao seu valor tático e estratégico: “quando numa batalha se luta com especial exacerbação pela posse de uma certa igreja ou de uma só chácara, não se deve supor que a igreja seja um santuário nacional nem que a casa esconda o tesouro do exército” (Freud, 1912, p. 369). A análise é uma batalha, uma guerra, e a resistência é um verdadeiro entrincheiramento do paciente: “onde a investigação analítica deparou com a libido recolhida em seu esconderijo, uma luta [*Kampf*] deve eclodir; todas as forças que causaram a regressão da libido se rebelarão como ‘resistências’ contra o trabalho, para conservar esse novo estado” (idem, p. 368). Aqui, não estamos mais no símile ou na analogia, estamos na pura

metáfora, na disposição imediata de imagens visuais que falam por si sós: a eclosão da luta, a estratégia empregada na batalha, a posse tática da igreja, da chácara. Vemo-nos em meio a exércitos guerreando, em meio a equipamentos e vocabulários bélicos; não em vão, pouco depois a transferência é dita ser “a arma [*Waffe*] mais forte da resistência” (idem, p. 370). E é com mais uma metáfora bélica que Freud arremata esse artigo de 1912:

Essa luta [*Kampf*] entre médico e paciente, entre intelecto e vida instintual, entre reconhecer e agir ocorre quase que exclusivamente em torno dos fenômenos da transferência. Nesse campo [*Feld*] deve-se obter a vitória, cuja expressão é a convalescença duradoura da neurose. É inegável que a dominação dos fenômenos da transferência causa ao psicanalista as maiores dificuldades, mas não se pode esquecer que justamente eles nos dão o inapreciável serviço de tornar manifestas e atuais as moções amorosas escondidas e esquecidas do doente, pois, por fim, ninguém pode ser morto a pancadas [*erschlagen werden*] *in absentia* ou *in effigie* (idem, p. 374).

Não se pode espancar (*erschlagen* é verbo forte, geralmente conota a morte do objeto espancado) nada que esteja ausente ou apenas representado. A análise, sabe-se bem, é um processo longo e tortuoso, em suma, *contínuo*, mas aqui está em jogo precisamente o seu papel de *romper* a continuidade repetitiva da vida do indivíduo, de introduzir nela uma *descontinuidade* fundamental. Também durante uma análise, por conseguinte, o salto do leão tem por vezes de ser único. É essa singularidade do golpe analítico o que permitirá trazer mudanças reais (nunca totais, é fato) à vida do paciente.

Não pode ser à toa, então, que Freud termine os três textos (1912, 1915, 1937) com metáforas ou comparações: o ferro e o fogo, a luta e o campo de batalha, a rocha da castração. Trata-se não só do fim do texto, mas também dos fins, dos confins de uma análise. Diz José Teixeira da Mata (2013), em seus *Comentários ao De Interpretatione* de Aristóteles: “a abertura é sempre abertura, quer seja em uma tragédia de Sófocles, quer seja em um tratado de Aristóteles, quer seja em uma partida de xadrez” (p. 79, nota de rodapé). O mesmo se pode dizer do desfecho: é sempre desfecho, seja de um concerto, seja de um texto, seja de uma análise. Quem pode esquecer-se dos últimos acordes da 1ª Sinfonia de Brahms? Ou do funeral de Heitor, o domador de cavalos? Ou da casa em chamas nos últimos minutos de *O sacrifício*, de Tarkovsky? Freud reconhece: uma análise tem de acabar, assim como tem de acabar um texto. Para demarcar esse umbral, esse ponto final em que o texto baixa as cortinas do conceito, a pena freudiana sabe bem arrematar-nos com imagens, com símiles e metáforas. Assim é que, na descontinuidade entre texto e vida, o conceito se prolonga no não-conceitual, e o pensamento freudiano segue continuamente ecoando em nós, leitores.

Referências

- Caropreso, F., & Monzani, L. R. (2012). Vivência de dor e pulsão de morte na teoria freudiana do aparelho psíquico e da teoria das neuroses. *Revista mal-estar e subjetividade*, 12 (3-4), 607-638.
- Freud, S. (1910). Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung. In *Gesammelte Werke*, Band 8 (pp. 93-102). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1912). Zur Dynamik der Übertragung. In *Gesammelte Werke*, Band 8 (pp. 363-374). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1913). Das Interesse an der Psychoanalyse. In *Gesammelte Werke*, Band 8 (pp. 389-420). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1915a). Triebe und Tribschicksale. In *Gesammelte Werke*, Band 10 (pp. 209-232). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1915b). Bemerkungen über die Übertragungsliebe. In *Gesammelte Werke*, Band 10 (pp. 305-321). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1920). Jenseits des Lustprinzips. In *Gesammelte Werke*, Band 13 (pp. 1-69). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1926). Hemmung, Symptom und Angst. In *Gesammelte Werke*, Band 14 (pp. 111-205). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1937). Die endliche und die unendliche Analyse. In *Gesammelte Werke*, Band 16 (pp. 57-99). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Green, A. (1995). *Propédeutique : La métapsychologie revisitée*. Seyssel : Editions Champ Vallon.
- Israel, M., Harding, J. R., & Tobin, V. (2004). On simile. *Language, culture, and mind*, 100, 123-135.
- Mata, J. V. T. (2013). Comentários. In Aristóteles, *Da Interpretação*, tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata (pp. 65-182). São Paulo: Editora UNESP.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Silveira, L. (2014). Fantasia, analogia e narcisismo: Um argumento contra a tradução de “Trieb” por “instinto”. *Cadernos de filosofia alemã*, 19 (1), 189-204.
- Simanke, R. T. (2009a). Realismo e antirrealismo na interpretação da metapsicologia freudiana. *Natureza Humana*, 11 (2), 97-152.
- Simanke, R. T. (2009b). A psicanálise freudiana entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, 7 (2), 221-235.
- Simanke, R. T. (2014a). O *Trieb* de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12 (1), 73-95.
- Simanke, R. T. (2014b). O *Trieb* de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. *Scientiae Studia*, 12 (3), 439-64.
- Souza, P. F. (2021). Sobre a posição da metafísica na metapsicologia freudiana. *Eleuthería*, 6 (Número Especial), 14-34.

Tavares, P. H. (2011). As “derivadas” de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 50 (2), 379-392.

Tavares, P. H. (2012). O vocabulário metapsicológico de Sigmund Freud: da língua alemã às suas traduções. *Pandaemonium*, 15 (20), 1-21.

Todorov, T. (1970). Freud sur l'énonciation. *Langages*, 17, 34-41.

Recebido em: 03.08.2021

Aceito em: 02.02.2022

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

